

Para a contabilidade, a informação constitui a matéria prima de um sistema antigo, cujos primeiros registros situam-se há mais de 3700, em Uruk, cidade da antiga Mesopotâmia. Motivado por uma grande necessidade de controle dos meios de produção, este sistema foi sendo aperfeiçoado, ganhando novo propósito a partir da revolução industrial. De lá pra cá, os métodos de processamento foram evoluindo, passando do trabalho manual para o mecânico e deste para o digital. Porém, apesar dos avanços, as informações permaneceram praticamente estáticas, voltadas exclusivamente para a quantificação de valores passados e com pouquíssima projeção no futuro, o que acaba não se justificando se levarmos em consideração atualmente o volume de dados que trafega na velocidade da luz e em pacotes cada vez maiores, impulsionados por uma alucinante capacidade de processamento. Acompanhando essas transformações, a irresistível dinâmica dos negócios vem aumentando a exigência de adaptação profissional em várias áreas de conhecimento, além daquelas que já estamos confortavelmente acostumados. Segundo VanDyck Silveira, CEO da Trevisan Escola de Negócios *“Se você não tiver não somente fluência, mas também o conhecimento da aplicação para solução de problemas de negócios no cotidiano, você é apenas um bom técnico, mas não fala a língua do mundo”*. E essa fluência forçosamente deve passar pela ciência de dados. Com a contabilidade, uma área que, segundo alguns, pode morrer com a automação de processos e inteligência artificial, manter-se na vanguarda deste movimento passa a ter um novo contexto, o da sobrevivência.